



Recebido em 26/06/2021

Aceito em 21/09/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i39.38656

ARTIGO

Aranhas gigantes comunistas e um capitalismo morto: Guerra Fria e ficção científica nas obras de Robert Heinlein e Iván Efrémov

Giant communist spiders and dead capitalism:
Cold War and science fiction in the works of Robert
Heinlein and Iván Efrémov

Raphael Silva Fagundes

Doutor em História pela UERJ

orcid.org/0000-0001-6122-1462

raphaelsfagundes@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo analisa a ficção científica produzida na URSS e nos EUA durante a Guerra Fria. Partindo das obras de Iván Efrémov (*A nebulosa de Andrômeda*) e Robert Heinlein (*Tropas Estelares*), buscaremos compreender como os autores reproduzem o imaginário de seu espaço cultural e político para representar as ideologias que norteavam as visões de futuro das duas potências em conflito. Compreendendo a ficção científica como uma forma de imaginar futuros possíveis para, assim, refletir sobre o presente, entenderemos como tais produções foram úteis para a manutenção dos projetos políticos dominantes de ambos os lados do cenário mundial bipolar que marcou grande parte do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção científica. Imaginário. Guerra Fria.

ABSTRACT: This article analyzes the science fiction produced in the USSR and the USA during the Cold War. Starting from the works of Iván Efrémov (*Andromeda*) and Robert Heinlein (*Starship Troopers*), we will try to understand how the authors reproduce the imaginary of their cultural and political space to represent the ideologies that guided the visions of the future of the two powers in conflict. Understanding science fiction as a way of imagining possible futures, thus reflecting on the present, we will understand how such productions were useful for the maintenance of the dominant political projects on both sides of the bipolar world that marked a large part of the 20th century.

KEYWORDS: Science fiction. Imaginary. Cold War.

Ficção científica é uma ótima maneira de fingir que você está falando do futuro quando, na realidade, está atacando o passado recente e o presente.

Ray Bradbury

A ficção científica (FC) é parte do imaginário de uma época. O professor Wolfgang Iser (2013) acredita que o literário é o único caminho pelo qual o imaginário (político ou social) é capaz de se realizar, pois o fictício lhe oferece a possibilidade de se tornar um produto verbalizado, “na medida em que a própria língua é transgredida e enganada” (ISER, 2013, p. 52). Na ficção, o mundo real torna-se “pano de fundo virtualizado que, enquanto dimensão latente de comparação, ou ‘plano de projeção’, é necessário para que se possa compreender o mundo do texto” (ISER, 2013, p. 301). É um processo de metaforização do mundo empírico transgredido pela ficcionalidade, imaginando-o, dando acesso, assim, ao “mundo que não existe empiricamente”.

De acordo com Raoul Girardet (1987), o imaginário funciona na política através do mito que tem como objetivo servir de explicação definitiva para o presente:

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real [...] constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos (GIRARDET, 1987, p. 13).

Se na literatura o real é virtualizado, no mito político ele é deformado e reordenado, assim como o faz o escritor no ato de fingir, ao selecionar e reorganizar os “sistemas contextuais preexistentes, sejam eles de natureza sociocultural ou mesmo literária” (ISER, 2013, p. 35). De acordo com Iser, uma obra literária é constituída por “realidades referenciais”, elementos extraídos do contexto sócio-histórico e de outros textos que, através dos “atos de fingir”, são decompostos e, em seguida, reorganizados numa ordem determinada pelo escritor. Esse processo pretende familiarizar o texto ao leitor. Portanto, um elemento imprescindível nesse jogo é a retórica. Ela permite a clareza de um texto que tem como finalidade abolir o real e convencer o leitor de que o mundo apresentado não é verdadeiro, mas um *como se fosse*. O objetivo é tornar o *como se fosse* possível, lógico, convincente. “A retórica assume a tarefa de convencer o leitor de que um estado de coisas que contradiz todos os fatos conhecidos possui validade” (ISER, 2013, p. 314).

Concordamos com a posição do professor Adam Roberts (2018) de que “a FC é mais bem definida como ficção tecnológica” (ROBERTS, 2018, p. 60). A tecnologia é o principal elemento na “retórica que evoca para justificar seu elemento fantástico” (FILKER, 1985, p. 14). Por isso que David Allen define ficção científica “pela presença de ‘engenhos’ produzidos pela tecnologia resultante de ciências extrapoladas” (ALLEN, 1976, p. 235). Sendo assim, será impreterível compreender como o imaginário político moderno utiliza a ideologia da técnica para legitimar o poder.

Herbert Marcuse (1999) não concebe a tecnologia apenas como instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era das máquinas, mas como “uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação” (MARCUSE, 1999, p. 73). Sem discordar do fato de que a tecnologia passou a ser uma forma de legitimação do poder político, Jürgen Habermas (1968) mostra que nas sociedades tradicionais, a “ação racional dirigida a fins se mantém dentro dos limites da eficácia legitimadora das tradições culturais” (HABERMAS, 1968, p. 62). Contudo, com o surgimento do modo de produção capitalista, e, conseqüentemente, com sua necessidade de assegurar um crescimento de produtividade constante em longo prazo, tornou-se indispensável a introdução de novas tecnologias, promovendo, assim, a institucionalização da técnica. O capitalismo trouxe a ideia de que não há mais limites para a tecnologia. Assim, Habermas chama de “ação racional teológica” o crescimento permanente de técnicas para se alcançar um determinado fim que, no caso, seria o crescimento constante da produtividade.

Deste modo, a proposta do modo de produção capitalista, de manter um crescimento constante em longo prazo (visão que, como veremos, foi incorporada também pela URSS), exigindo, para tal, a incorporação de novas técnicas, influenciou as formas de se pensar o futuro. Sendo assim, “a ciência será [a partir do século XIX] a rainha da sociedade futura, e esta vai entrar na era das massas” (MINOIS, 2016, p. 549).

A FC foi um dos caminhos para introduzir essa ideologia da ciência por meio da cultura de massa. Como mostrou Muniz Sodré (1973), tal gênero literário

implica na recuperação e tradução do imaginário pela ideologia. Há um sistema (a indústria cultural) por trás da produção de narrativas de FC, manobrando conscientemente significados ideológicos (o cientificismo, a especulação futurológica, os temores apocalípticos, etc.) (SODRÉ, 1973, p. 58).

Max Horkheimer e Theodor Adorno (2000) demonstram que os ideólogos “adoram explicar a indústria cultural em termos tecnológicos”. Mostrando, a ligação direta que essa indústria tem com a racionalidade técnica, os autores afirmam:

que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade do próprio domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se autoaliena (HORKHEIMER e ADORNO, 2000, p. 170).

A cultura de massa servirá, portanto, para submeter homens e mulheres do presente a um tipo de futuro tecnológico que deveria ser alcançado o mais rápido possível. Richard Barbrook (2009) destaca que “durante a Guerra Fria, os impérios estadunidense e russo competiram não só para controlar o espaço, mas também o

tempo”. Era um projeto imperialista de ambos os lados que incorporava os dominados nos sonhos “utópicos” dominantes. “A nação que abre o caminho do futuro no presente pode reivindicar a liderança sobre a humanidade” (BARBROOK, 2009, p. 18). O presente, portanto, “é compreendido com o futuro embrionário e o futuro ilumina o potencial do presente”. Em seguida conclui Barbrook: “A realidade contemporânea é a versão beta de um sonho da ficção científica: o futuro imaginário” (BARBROOK, 2009, p. 37).

Se o futuro (imaginário) tecnológico era a principal ideologia usada pelas potências que disputavam o mundo durante a Guerra Fria, os escritores de ficção científica passam a desempenhar um papel fundamental, visto que, como salienta Georges Minois (2016), o progresso técnico, que se acelerava vertiginosamente, tinha, desde a segunda metade do século XIX, “seus profetas [...] na pessoa dos autores de ficção científica” (MINOIS, 2016, p. 580). A mesma posição é compartilhada pelo escritor e cientista Arthur Clarke (1970): “somente os leitores ou os escritores de ficção científica são realmente competentes para discutir as possibilidades do futuro” (CLARKE, 1970, p. 11).

Guerra Fria

“Na linguagem”, nos explica Wittgenstein, “tocam-se expectativa e realização” (WITTGENSTEIN, 2009, p. 177). Se antes a realização deste futuro que se antecipa (expectativa e realização), estava nos escritos dos filósofos, em meados do século XX, passou a estar nas narrativas dos escritores de ficção científica. A narrativa é o caminho, desde os tempos antigos, por onde o tempo é percebido. “O tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa” (RICOUER, 2010, p. 09). Paul Ricoeur (2009, p. 75) nos explica que através da *intriga*, elemento basilar da narrativa, os fatos são colocados em uma sequência que permitem a sensação de tempo corrente, com início, meio e fim, dentro de uma lógica cognitiva. É através da criação do texto (Mímesis II) que se articula o tempo, de modo que se pode conduzir e transfigurar o antes e o depois (RICOUER, 2010, p. 94).

O presente (ou o passado recente) e o futuro são articulados pela a ficção científica. O mundo vivenciado e a lógica interna da narrativa promovem uma relação entre experiência e expectativa criando novas significações (JAUSS, 1979, p. 50). Sendo assim, compreender o mundo contextual no qual o texto foi produzido é de suma importância para compreender o processo de sua recepção.

Durante a década de 1950, isto é, ainda na primeira fase da Guerra Fria, encontramos, nos EUA, um paradoxo curioso. Como destacam Howard Temperley e Malcom Bradbury (1981), foi “para a maioria dos americanos, uma ‘era de abundância’ e até mesmo uma ‘era de equilíbrio’. Mas foi também uma ‘era de angústia’, e com angústia atômica presente” (TEMPERLEY e BRADBURY, 1981, p. 305). Mas esta angústia, por sua vez, estava mais baseada na ansiedade que na realidade em si, já que se “esperava uma séria crise econômica pós-guerra, mesmo nos EUA, por analogia com o que ocorrera após a Primeira Guerra Mundial” (HOBSBAWM, 1997, p. 228).

Mas essa expectativa pessimista não se tornou realidade. As despesas com a guerra quase duplicou o produto interno bruto em menos de quatro anos (GADDIS, 2011, p. 8). No pós-guerra, o investimento na indústria-militar acarretou um grande crescimento econômico junto à reconstrução da Europa que transformou o Velho Continente num promissor mercado consumidor dos produtos norte-americanos (MUNHOZ, 2020, p. 50). Na prática, esta situação aumentou o padrão de consumo, prestigiando o modelo capitalista, o que provocou um recuo da participação política e, conseqüentemente, um “declínio numérico da esquerda” (VIENTINNI, 2005, p. 207). A população norte-americana passava a acreditar na eficiência de seu sistema. A classe de escritores e intelectuais que, no pós-Primeira Guerra, tinha tendências comunistas, após a Segunda Guerra Mundial, abandona os princípios marxistas e passa a defender a democracia estadunidense (TEMPERLEY e BRADBURY, p. 311-313). Portanto, o investimento na indústria-militar não poderia parar de modo que “um anticominismo era útil” (HOBSBAWM, 1997, p. 232). Permitia “a hegemonia incontestada da formidável máquina militar americana, em pleno tempo de paz” (VIENTINNI, 2005, p. 205)

Com a grande vantagem econômica no pós-guerra, os EUA perceberam que seria fundamental impedir que as economias européias colapsassem. O comunismo deixara de ser um espectro há muito tempo. O Plano Marshall não atendia apenas aos conflitos provenientes da Guerra Fria, mas as necessidades do próprio capitalismo dos EUA (MUNHOZ, 2020, p. 50) A crise na Europa beneficiou os norte-americanos, que durante a guerra, “triplicaram a produção industrial (em 1946 produziram metade da produção mundial); já a sua renda *per capita* aumentou mais de 100% (de 550 a 1260 dólares)” (PADRÓS, 2005, p. 230). O chamado complexo industrial-militar também contribuiu para o crescimento econômico, já que conseguia atrair e armar aliados, conquistando lucrativos mercados de exportação, enquanto reservava para si os armamentos mais atualizados e armas nucleares (HOBSBAWM, 1997, p. 233).

Essa situação propiciou o sucesso da versão ortodoxa¹ da Guerra Fria, a qual denunciava os interesses expansionistas e imperialistas da URSS, interesses que não acometiam os líderes políticos dos EUA. Lewis Gaddis (2011) afirma que a atuação dos soviéticos na Europa era de rompimento com o acordo de Yalta, já a atuação dos EUA, no mesmo continente e no Oriente, era uma medida para se manter “o equilíbrio global de poder” (GADDIS, 2011, p. 39).

Embora essa tese oficial, criada pelo próprio Departamento de Estado dos EUA, tenha vigorado nos anos 1940 e 1950, Stalin, na intenção de convencer os aliados a investir em uma segunda frente para combater os nazistas, adotou medidas bem convincentes aos interesses capitalistas. O líder soviético dissolveu a III Internacional Comunista, recomendou que os grupos comunistas da Iugoslávia e da China negociassem com liberais e nacionalistas, além de enfraquecer os movimentos revolucionários na Itália e na Grécia. Ainda durante a guerra, adotou atitudes que

¹ De acordo com Munhoz (2020) há quatro visões dos estudiosos ocidentais sobre a Guerra Fria, a ortodoxa, a revisionista e pós-revisionista e a corporativa. A visão que nos compete nesta pesquisa é a ortodoxa já que foi a que predominou nos anos 1950 sendo, inclusive, a visão oficial do governo estadunidense.

mostravam a disposição da URSS para uma convivência pacífica. (MUNHOZ, 2020, p. 43-44).

Mas este Stalin da *Realpolitik* não fez parte do imaginário estadunidense durante a Guerra Fria. “A linguagem é a maneira básica de se configurar um imaginário” e a imagem criada por Winston Churchill em Fulton, no Missouri, acusando a URSS de uma nação expansionista foi fundamental. Orivaldo Leme Biagi (2001) mostra que “a imagem em si era simples, mas poderosa”. Trata-se da expressão eternizada nos anais da história: “Cortina de Ferro”. “A partir dessa imagem”, explica Biagi, “foi construída uma ideia de que os países do Leste Europeu estavam totalmente presos e subjugados pelos soviéticos e pelo comunismo” (BIAGI, 2001, p. 72).

O bolchevismo, no ocidente, salienta Susan Buck-Morss (2018), “assumiu a imagem fantástica de um ‘fogo’, um ‘vírus’, uma ‘inundação’ de barbárie, ‘espalhando-se’, ‘em fúria’, ‘fora de controle’, um ‘monstro que busca devorar a sociedade civilizada’ e destruir o ‘mundo livre’”. A partir desta questão, e da magnificência do modo de produção capitalista nos anos 1950, o imaginário político estadunidense passou a “ver a oposição ao capitalismo como agressão por uma nação estrangeira” (BUCK-MORSS, 2018, p. 23). Desta forma, o patriotismo foi ativado para defender o capital.

De acordo com Domenico Losurdo (2011), Stalin não impediu o comunismo de se irromper na Europa: “o problema central” era proteger “um país duramente provado pela agressão e ocupação nazista, a fim de evitar que se repitam tragédias” (LOSURDO, 2011, p. 142). Sendo assim após Hiroshima e Nagasaki, a União Soviética deveria “empenhar-se numa nova ‘marcha forçada’ para perseguir a nova ‘revolução tecnológica ocidental’” (LOSURDO, 2011, p. 143).

No entender de Noam Chomsky (1985), em desacordo com Edward Thompson (1985) que apreende a capacidade exterminadora das superpotências através de uma lógica mútua, a Guerra Fria era um sistema caracterizado por um arcabouço ideológico que mobilizava o Estado para “a aplicação de medidas vis, moralmente difíceis de serem aceitas pelas pessoas [...] Os Estados Unidos vêm agindo dessa forma em uma extensão consideravelmente maior que a União Soviética” (CHOMSKY, 1985, p. 192). A URSS não alimentava “planos quanto à possibilidade de uma guerra nuclear limitada na Europa, ao contrário do que fazem os Estados Unidos” (MEDVEDEV e MEDVEDEV, 1985, p. 181). Por isso, o imaginário acerca do futuro adquiriu contornos distintos em cada uma das potências. Enquanto os EUA vaticinavam guerras nucleares, os soviéticos sonhavam com um futuro comunista de harmonia e alto desenvolvimento tecnológico.

A URSS precisava, portanto, “evitar o apocalipse nuclear, denunciar a corrida armamentista, encurralar e isolar os círculos mais agressivos do imperialismo” (FILHO, 2004, p. 21). Com a ascensão de Kruchev, houve um processo de liberalização dos controles e da repressão, além de um “anúncio de políticas descentralizantes e democratizantes” (FILHO, 2004, p. 21). Houve grandes investimentos em transportes coletivos, habitações populares, educação e saúde. Enquanto os EUA aumentavam a repressão contra os seus cidadãos via macartismo, a URSS vislumbrava “maiores margens de liberdade, de debate e de crítica” (FILHO, 2004, p. 22). Na década de 1950, o entusiasmo era tão grande que alguns líderes europeus acreditavam que “o

socialismo iria produzir mais que o capitalismo dentro de um futuro previsível”, como o premiê britânico Harold Macmillan (HOBSBAWM, 1997, p. 368).

A URSS encontrava-se sempre atrás dos EUA na corrida armamentista, de modo que, quando os estadunidenses anunciavam uma nova arma, os soviéticos corriam para alcançá-los. Por outro lado, os EUA vinham atrás da União Soviética quando se tratava da corrida espacial, de modo que, a cada nova tecnologia astronáutica divulgada pelos soviéticos, os estadunidenses se moviam para se emparelhar a potência rival. Os americanos estavam mais interessados, em seu período de prosperidade, em investir na indústria militar já que, além de ser extremamente lucrativo, legitimava sua política imperialista. Os soviéticos, por seu turno, estavam preocupados, no auge da economia socialista, com a ciência e sua evolução.

Exemplo disso foi o que cada potência fez com os segredos do programa V2, os foguetes alemães de alta tecnologia. Enquanto os EUA transformaram esse conhecimento nos foguetes de combate Bumper em 1950, os soviéticos preferiram “alavancar seus programas de mísseis e foguetes espaciais”, com a atuação do engenheiro Serguei Pavlovitch Korolev (WINTER e MELO, 2007, p. 19).

Os EUA só se interessaram na corrida espacial quando perceberam as vantagens que tal programa lhes dava em “configurar sistemas orbitais de vigilância e monitoramento dos arsenais nucleares, tecnologias que se mostraram eficazes para governar o ‘terror nuclear’” (SIQUEIRA, 2018, p. 77). E agenciou as emoções para conseguir apoio popular para investir milhões nestas pesquisas. A sensação de ter o inimigo observando dos satélites poderia ser assustadora. Deste modo, “a necessidade de coleta de informações e dados sobre a capacidade bélico-nuclear da URSS foi determinante para a decisão dos EUA irem ao espaço” (SIQUEIRA, 2018, p. 78).

A ciência é, portanto, “reflexos de ideologias sociais” (BLOOR, 2009, p. 117), do mesmo modo que é de “fato a política executada por outros meios”, (LATOURETTE, 1994, p. 91). O imaginário que faz parte da situação na qual a ciência é produzida influencia diretamente na motivação do cientista de realizar suas pesquisas. Eduardo Dorneles Barcelos mostra que havia “uma diferença de motivação entre os cientistas soviéticos e ocidentais” quanto à necessidade futura de expandir a humanidade para outros planetas: “os primeiros acompanhariam Tsiolkovski no otimismo da expansão do potencial humano no espaço, enquanto os segundos apontariam que esse processo decorreria de conflitos sociais, geradores da migração para o espaço exterior” (BARCELOS, 2001, p. 103). Ou seja, para os soviéticos o progresso levaria a conquista de outros mundos, já os ocidentais acreditavam que as guerras, a devastação da Terra etc. levariam a expansão cósmica. Estas visões motivaram não só a ciência, mas a literatura e, portanto, a ficção científica de cada uma das potências no período da Guerra Fria.

Iván Efrémov: *A Nebulosa de Andrômeda*

A função da história e do historiador na ficção científica

Iván Efrémov formou-se em paleontologia na Universidade de Leningrado. Combatente no Exército Vermelho durante a guerra civil resistiu à invasão estrangeira, mas acabou sendo ferido afastando-se do campo de batalha. A partir de então, dedicou-se a paleontologia pesquisando as riquezas do subsolo da URSS. Com o passar do tempo, decidiu dividir seus estudos com a literatura e veio a ficar conhecido mundialmente por suas obras no gênero de ficção científica. Compartilhando de uma visão de futuro predominante no país socialista, Efrémov dizia que “a filosofia da ficção científica é a evolução do espírito humano criador que contribui para o estudo da vida e da sociedade. E o que constitui a sua essência é a procura do novo e, por isso, uma incursão no futuro” (EFRÉMOV, 1979, p. 04).

Embora muitos concebam a obra de Efrémov, *A Nebulosa de Andrômeda*, como uma ficção utópica (BURLING, 2009, p. 241), Fredric Jameson (2005) compreende que se trata de uma representação da evolução inevitável do presente, um futuro que já havia começado na URSS com o advento do socialismo. Para Jameson a ficção concebida pelo escritor russo era apenas ideológica, embora possa parecer utopia para um indivíduo socialista do Ocidente (JAMESON, 2005, p. 291). De fato, observaremos que tanto a obra de Efrémov quanto a de Heinlein não são utopias, mas reproduções do imaginário do tempo em que escreviam.

É muito comum na FC, principalmente a que é ambientada no futuro, fazer uma descrição das antigas eras, isto é, das contradições do presente no qual o autor está imerso. Isso ocorre devido às realidades referenciais características dos textos de ficção, como explica Iser. A descrição do presente familiariza o leitor ao mundo fantástico proposto pelo autor, selando o acordo entre ambos.

Para realizar este procedimento, encontramos frequentemente, na ficção científica, um personagem historiador, arqueólogo ou qualquer outra ciência que lide com o passado. Nas obras analisadas nesta pesquisa, deparamo-nos com historiadores que terão grande influência na narrativa.

A novela *A Nebulosa de Andrômeda*, publicada em 1957, passa-se em um futuro distante em que a humanidade chega, finalmente, ao comunismo. Desenvolvidos em termos sociais e científicos, os seres humanos conseguiram se expandir para o espaço sideral descobrindo planetas inóspitos até que, a tripulação de Erg Noor, é tragada por uma estrela de ferro. Em um dos planetas que orbitam tal estrela, eles encontram uma forma de vida extremamente diferente e hostil. Contudo, o texto busca tratar muito mais do avanço científico conquistado pelo comunismo que de uma aventura com heróis salvadores da humanidade. O que torna difícil identificar um personagem principal na narrativa.

No segundo capítulo, a historiadora Veda Kong transmite uma conferência histórica para o Grande Circuito. Isto significa que todos os planetas incluídos neste Circuito poderiam ouvir suas palavras. Neste momento, o narrador demonstra como era o mundo antigo (o presente do escritor): “Veda Kong falava [...] da desunião que

reinava entre os grandes e os pequenos povos, afastados pelos antagonismos econômicos e ideológicos que dividiam os seus países” (EFRÉMOV, 1979, p. 56).

Esse período é chamado de “Era do Mundo Desunido (EMD)” e prevalecia o modo de produção capitalista. O século XX é descrito como o “Século do Descompromisso”, o ápice de toda a contradição que culminou na formação da consciência, quando as pessoas tinham finalmente compreendido

...que todas as suas desgraças provinham de um regime social que se fora formando espontaneamente a partir dos tempos da barbárie, e que toda a força e o futuro da humanidade estavam no trabalho, nos esforços conjuntos de milhões de seres humanos libertos da opressão, na ciência e na reestruturação da vida em bases científicas (EFRÉMOV, 1979, p. 57).

Observamos aqui a grande valorização que o autor dá à ciência. Ela, assim como o proletariado, liberta-se, nesse futuro comunista, da opressão do capital.

Mas a passagem que melhor descreve, na perspectiva soviética, o contexto da Guerra Fria, vem após as linhas supracitadas. A polaridade mundial e o sentimento de catástrofe nuclear são expostos de forma bem clara pelo narrador:

A luta entre ideias velhas e as novas agudizou-se no Século do Descompromisso e deu lugar a que todo mundo se dividisse em dois campos – o dos Estados velhos, capitalistas, e o dos Estados novos, socialistas – com diferente estruturação econômica. A descoberta naquele tempo das primeiras formas de energia atômica e a obstinação dos defensores do velho mundo estiveram a ponto de levar a humanidade a mais espantosa catástrofe (EFRÉMOV, 1979, p. 57).

É interessante observar a concepção de tempo quando o autor se refere ao capitalismo como “velho” e ao socialismo como “novo”. O futuro da humanidade pertence ao socialismo. É algo inevitável, um axioma marxista, de modo que “o novo regime tinha fatalmente de triunfar, embora esta vitória tivesse demorado pelo atraso de uma consciência social” (EFRÉMOV, 1979, p. 57). Em seguida, o narrador comenta sobre a propaganda anticomunista no mundo capitalista: “Para acabar com o ódio e, principalmente, com as mentiras acumuladas pela propaganda hostil durante a luta ideológica do Século do Descompromisso, foram necessários gigantescos esforços” (EFRÉMOV, 1979, p. 57)

Mas como o socialismo era um destino indeclinável, e não uma simples utopia, em um momento todos os povos unir-se-iam em um único regime, fundindo-se “numa só família sensata e amiga” (EFRÉMOV, 1979, p. 58). Era a “Era da Unificação Mundial (EUM)”.

A História, na narrativa, serve, não apenas para criticar o presente, mas também para mostrar a superação deste pela sociedade comunista:

As guerras e a economia desorganizada da Era do Mundo Desunido deram lugar ao saque do planeta. Abatiam-se as florestas, queimavam-se as reservas de hulha e petróleo acumuladas durante centenas de milhões de anos, contaminava-se o ar com ácido carbônico e os fétidos dejetos lançados pelas fábricas... até o mundo conseguir chegar à organização comunista da sociedade (EFRÉMOV, 1979, p. 292).

O autor demonstra uma diferença fundamental entre a URSS e os países capitalistas: enquanto os primeiros estavam degradando o mundo temporariamente, pois tinham o comunismo como fim, os países capitalistas estavam destruindo o planeta para alimentar o individualismo consumista, estagnando-se em um estágio da história. A destruição promovida pelos soviéticos era efêmera, a do capitalismo peremptória.

Crítica ao desenvolvimento técnico

Dizendo que a visão utópica de repulsa ao trabalho era fruto da aversão às condições laboriais desumanas da Antiguidade, o narrador comenta: “Depressa os homens compreenderam que o trabalho era uma felicidade, tal como uma luta incessante com a natureza [...] para o desenvolvimento da ciência e da economia”. Neste futuro, as pessoas poderiam trabalhar no que quisessem, eram até encorajadas a mudar de profissão de tempos em tempos:

O progresso da cibernética, técnica da direção automática, juntamente com a ampla cultura geral, o elevado nível intelectual e a excelente preparação física de cada pessoa permitiam mudar de profissão, dominar outras rapidamente e variar até ao infinito de atividades laborais, nelas encontrando uma satisfação cada vez maior (EFRÉMOV, 1979, p. 58).

A ideologia da técnica submete as pessoas a uma ordem laboral que sustenta uma lógica racional capaz de justificar a exploração da mão de obra. O trabalho promove o progresso. A promessa da modernidade, de que o desenvolvimento tecnológico-científico iria garantir um futuro próspero, era uma ideologia que legitimava o poder tanto no mundo socialista quanto no capitalista.

No entanto, Efrémov abre espaço para críticas a esta ideologia da técnica. Uma “sputnik-estação” exterior havia capturado as imagens de um astro que orbitava a estrela Épsilon do Tucano. Estas imagens conseguiram revelar diversos aspectos daquele mundo: sua estrutura geológica, clima e, inclusive, seus habitantes. Estes pareciam com os terráqueos, porém tinham a pele avermelhada: “aquelas pessoas vermelhas eram de uma consumada beleza que nem todos no globo terráqueo tinha ainda alcançado e só viviam nos sonhos e nas obras dos artistas, ganhando corporalidade em muito raros seres singularmente formosos” (EFRÉMOV, 1979, p. 72).

Dar Veter, um dos tripulantes da nave com quem Veda Kong estabelecerá uma relação mais íntima, sugeriu uma explicação para aquela beleza e saúde dos novos seres:

Talvez a sua civilização se tenha baseado mais no desenvolvimento do próprio homem, da sua potência física e espiritual, do que no progresso da técnica. Durante longos anos, a nossa cultura continuou a ser claramente técnica, e enquanto não adveio a sociedade comunista não empreendeu definitivamente a senda do aperfeiçoamento do próprio homem, e não apenas das suas máquinas, casa, alimentos e distrações (EFRÉMOV, 1979, p. 73).

Mven Mas, o tripulante afrodescendente da nave, apaixonou-se pela nova civilização e, ao longo da narrativa, irá lançar críticas potentes ao uso da ciência e da técnica como ideologia. Já em uma parte avançada da história,

Mven Mas recordou as informações transmitidas pelo Grande Circuito sobre mundos habitados onde as maiores conquistas da ciência eram utilizadas para intimidação, torturas e castigo, para ler os pensamentos e converter as massas em gente submissa, meio idiota, disposta a cumprir qualquer ordem, por mais monstruosa que fosse (EFRÉMOV, 1979, p. 312).

Mas isso era impossível de acontecer na sociedade comunista devido a um “grau de desenvolvimento tão elevado que para sempre excluía a possibilidade de tais horrores” (EFRÉMOV, 1979, p. 313)

Não se era contrário ao desenvolvimento técnico – até porque este era indispensável para se chegar à sociedade comunista – mas ao uso arbitrário de tal habilidade humana. O uso para a guerra, poluição e submissão dos povos. Veda Kong irá lembrar que ao longo da Era do Mundo Desunido,

aprendeu-se então a libertar uma sua ínfima parte e a produzir uma descarga térmica cujos efeitos mortíferos foram imediatamente utilizados como arma de guerra. Acumularam-se grandes stocks de terríveis bombas que, posteriormente, com a chegada do comunismo, tentaram ser utilizados na produção de energia (EFRÉMOV, 1979, p. 62).

No Refúgio da Cultura, uma caverna subterrânea que será explorada por Kong e pela jovem arqueóloga Miiko Eygoro, esta última, num rompante de desprezo à antiga civilização, diz: “Como é característica desta gente daquela Era a insensata certeza na eternidade e imutabilidade da sua civilização ocidental, do seu idioma, dos costumes, moral e grandeza do chamado homem branco! Odeio esta civilização!”. Kong responde criticando a repugnância generalizadora da companheira:

Tem uma ideia clara do passado, mas unilateral. Através do sombrio esqueleto do capitalismo morto, eu vislumbro os que lutavam pelo futuro. O seu futuro é o

nosso presente. Vejo uma multidão de mulheres e de homens que procuravam a luz na vida estreita e pobre, sendo bastante bons para se ajudarem uns aos outros e bastante fortes para não endurecerem no ambiente de asfixia moral do mundo que os rodeava. E corajosos, de uma valentia extraordinária!.. (EFRÉMOV, 1979, p. 376).

A jovem arqueóloga fez uma observação que deixou a experiente historiadora em xeque:

Mas os que escondiam aqui a sua cultura não eram iguais – objetou Miiko. – Repare, não se vê mais do que objetos técnicos. Orgulhavam-se com a sua técnica sem notarem que se iam tornando mais selvagens no aspecto moral e emotivo. Olhavam com desprezo o passado e não viam o futuro! (EFRÉMOV, 1979, p. 376).

Kong pensou um pouco mais e deu razão a Miiko, pois a ânsia por um crescimento técnico alienado e individualista cegava o sistema capitalista. Se fossem mais conscientes

teriam visto com nitidez o planeta sujo, cheio de fumo, com os bosques devastados, o solo cheio de papéis e de vidros partidos, de ferro velho, de lixo. Os nossos antepassados teriam compreendido o que ainda tinham para fazer em vez de se deixarem cegar pela soberba (EFRÉMOV, 1979, p. 376).

As palavras de Miiko eram cada vez mais convincentes descrevendo uma civilização que valorizava apenas a técnica e com o objetivo obscuro de provocar a destruição: “Aqui se guardam, de uma possível destruição, os principais valores técnicos e materiais da civilização ocidental de então”. Em seguida complementa: “Procuravam conservar, em primeiro lugar, as máquinas e, possivelmente, as armas, sem compreenderem que as superestruturas da civilização se formam, na história, à semelhança de um organismo vivo” (EFRÉMOV, 1979, p. 381). Veda então

sentiu um sentimento de repugnância perante a tola petulância de gente que considerava os seus conceitos de valor e os seus gostos como imutáveis ao cabo de dezenas de séculos, pensando que continuariam a ser respeitados como leis pelos seus distantes sucessores (EFRÉMOV, 1979, p. 377).

Robert Heinlein: *Tropas Estelares*

Robert Heinlein talvez seja o escritor de FC norte-americana, deste período, que mais representou a visão ortodoxa da Guerra Fria. “Asimov era um escritor ético enquanto Heinlein era um escritor *político*” (ROBERTS, 2018, p. 400). Éric Picholle e Ugo Bellagamba (2015), biógrafos do escritor, explicam que Heinlein “se filiou ao movimento EPIC (End Poverty in California)”, “um partido muito à esquerda para a

América dos anos 1930, socialista e mesmo autogestionário” (HEINLEIN, 2015, p. 369). Mas, como vimos, após a Segunda Guerra Mundial, diversos escritores norte-americanos se tornaram defensores ferrenhos da democracia burguesa, e Heinlein é um exemplo claro deste fenômeno.

Era um ortodoxo tão radical a ponto de ser beligerante. Alguns escritores de FC tinham como motivação principal “defender a perpetuação e o crescimento do complexo militar-industrial”. O autor de *Tropas Estelares*, vencedor do prêmio Hugo de 1960, se colocou contra “as restrições aos testes nucleares em 1956” e em 1961 “defendeu abrigos contra bombas e a posse não regulamentada de armas” (ROBERTS, 2018, p. 400).

Devido ao grande poder que Heinlein atribui aos militares neste romance, muitos o chamaram de fascista (SODRÉ, 1973, p. 45). Diversos pontos da direita norte-americana são cultuados, mas recebe grande destaque o imperialismo, a aversão ao comunismo e o uso da violência como solução final. Seu comprometimento político com as visões da direita estadunidense é conivente para alguém imerso no imaginário político da Guerra Fria.

A lógica beligerante

Assim como em outras narrativas do gênero, o historiador possui um papel de suma importância no enredo. Em *Tropas Estelares*, esse papel é desempenhado pelo professor de História e Filosofia da Moral, Dubois, um militar aposentado que exercerá uma grande influência na decisão de Rico em seguir a carreira militar.

Após a descrição da “queda” (quando o soldado, trajado com uma armadura altamente tecnológica, equipada com armamento nuclear, salta da nave em direção ao solo para enfrentar o inimigo), o narrador, que é também o protagonista, volta a sua juventude para explicar o processo que o levou a se tornar um militar dedicado ao serviço. É aí que a figura do professor Dubois ganha destaque. Em uma de suas aulas, Dubois mostra a importância da violência na história, denunciando “a doutrina historicamente falsa, e completamente imoral, de que ‘violência nunca resolve nada’”. Segundo o professor, “Violência, força bruta, resolveu mais questões na história do que qualquer outro fator, e a opinião contrária é uma ilusão da pior espécie” (HEINLEIN, 2015, p. 43).

Se a história do futuro narrada por Efrémov está baseada claramente na filosofia da história marxista, Heinlein se inspira, como outros escritores de seu tempo, na visão do historiador inglês Edward Gibbon sobre o declínio dos impérios. Gibbon extrapola da situação particular de Roma para propor que todos os impérios se expandirão naturalmente quando seus líderes empregarem a razão e a disciplina militar, e com a mesma naturalidade cairão se tais virtudes forem traçadas pela religião e pelo pacifismo (YASZEK, 2009, p. 195).

O professor pergunta a Rico qual seria “a diferença moral, se houver, entre o soldado e o civil?”. O garoto responde a partir do que aprendera no livro: “A diferença reside no campo da virtude cívica... O soldado aceita responsabilidade pessoal pela

segurança do corpo político de que é parte, defendendo-o, se preciso for, com a própria vida. O civil, não” (HEINLEIN, 2015, p. 43).

A partir desta lógica funcional baseada no princípio meritocrático, a sociedade futurista descrita por Heinlein justifica o fato de somente os militares veteranos terem direito ao voto. Se são eles que lutaram para assegurar a democracia, então deveria ser deles o direito de votar.

Em uma parte avançada do texto, Rico, já como um militar consolidado, lembra a definição de cidadania dada pelo seu antigo professor: “Cidadania é uma postura, um estado de espírito, uma convicção emocional de que o todo é maior do que a parte... e de que a parte deve ficar humildemente orgulhosa de se sacrificar para que o todo possa viver” (HEINLEIN, 2015, p. 218).

Rico entra para a Escola de Formação de Oficiais para subir na hierarquia militar. Tem agora um novo professor de História e Filosofia da Moral, o Major Reid. O docente faz uma pergunta a Sr. Solomon, um dos alunos da classe de Rico: “pode me dar uma razão, não histórica nem teórica, mas prática de por que o direito de voto é hoje limitado a veteranos reformados?” (HEINLEIN, 2015, p. 240) O Major mesmo responde, afirmando que o sistema é assim porque “funciona de modo satisfatório” (HEINLEIN, 2015, p. 241). Depois cita os outros sistemas que foram pensados ao longo da história, inclusive “o comunismo de formigas instigado por Platão sob o nome enganoso de *A República*” (HEINLEIN, 2015, p. 241). Com uma tendência ditatorial, conclui que no sistema político de então “muitos reclamam, mas ninguém se rebela” (HEINLEIN, 2015, p. 242). Os militares exerciam a cidadania por uma questão de mérito: “...sob nosso sistema cada eleitor e político eleito é uma pessoa que demonstrou, por meio de serviço difícil e voluntário, que coloca o bem do grupo acima da vantagem pessoal” (HEINLEIN, 2015, p. 243).

Em 1959, quando Heinlein escrevia sua obra, o mundo estava passando por diversas tentativas de revolução socialista, talvez por isso imagina um sistema no qual “uma revolução é impossível”. Um dos cadetes explica o motivo pelo qual uma revolução seria impossível, tendo, em seguida, a aprovação do professor Reid:

Porque uma revolução, um levante armado, exige não apenas insatisfação, mas também agressividade. Um revolucionário tem que estar disposto a lutar e morrer... ou é apenas um socialista de butique. Se você separa os agressivos e faz deles os cães pastores, as ovelhas nunca vão causar problemas (HEINLEIN, 2015, p. 245).

Havia um discurso imperialista relacionado diretamente a essa visão beligerante da Guerra Fria. O imaginário estava preenchido pela ideia de que a URSS dominaria todo o mundo. Mas, como vimos, o próprio Stalin desencorajou os movimentos revolucionários. Mas Heinlein comprou a visão expansionista soviética que servia como justificativa para a intervenção dos EUA nas mais diversas partes do globo terrestre.

Os aracnídeos alienígenas que se tornarão os grandes vilões do romance de Heinlein, deste modo, eram expansionistas com características comunistas. Os terráqueos deveriam, portanto, colonizar os outros planetas antes que estas criaturas asquerosas o fizessem. Rico, após a aula do Major Reid, chegou a uma conclusão que lhe pareceu óbvia: “pode-se verificar por observação que qualquer espécie que interrompa seu próprio crescimento tem o seu espaço tomado por espécies que se expandem”. E depois conclui assertivamente: “Ou nos expandimos e acabamos com os insetos, ou eles se expandem e acabam com a gente... pois ambas as espécies são duras, inteligentes e querem as mesmas propriedades imobiliárias” (HEINLEIN, 2015, p. 247).

A ameaça alienígena legitimava a ação imperialista da Terra. O protagonista Rico explica os motivos que levaram à colonização de um planeta chamado Santuário: “Com a possibilidade de a Base Luna ser capturada e a própria Terra ser ocupada, a Federação mantinha, tanto quanto possível, o máximo de suas forças em Santuário” (HEINLEIN, 2015, p. 208). E, assim como o modelo clássico de império, no qual os interesses do dominador são impostos sobre a cultura e o modelo de desenvolvimento da região dominada (QUIJANO, 2000), os elementos originários da Terra iam se alastrando por Santuário, substituindo a natureza local: “Nossas coisas entram e varrem as nativas pro lado [...] quando foram introduzidas espécies que evoluíram num planeta onde desfrutavam de alta radiação e competição acirrada, o material nativo não teve chance” (HEINLEIN, 2015, p. 208-9).

Aracnídeos comunistas

As criaturas descritas por Heinlein metaforizavam o imaginário político estadunidense da época que acreditava haver uma conspiração comunista que pretendia invadir os Estados Unidos. A imagem de um complô para derrubar a civilização habitou o imaginário político e social em vários momentos da história ocidental. A conspiração infernal, diabólica: “o inimigo é imaginado sob a sua forma mais mítica: o perigo que ele representa é tanto maior quanto o seu nome designa apenas o desconhecido, o nunca visto” (BACZKO, 1985, p. 319). No período da Guerra Fria, o complô era arquitetado pelos comunistas.

Essa narrativa mítica do complô descreve o inimigo de maneira mais asquerosa possível, lançando mão dos elementos culturais do contexto. Como explica Girardet (1987):

o tema da conspiração maléfica sempre se encontrará colocado em referência a uma certa simbólica da mácula: o homem do complô desabrocha na fetidez obscura; confundido com os animais imundos, rasteja e se insinua; viscoso ou tentacular, espalha o veneno e a infecção (GIRARDET, 1987, p. 17).

A ficção científica tem um repertório peculiar de seres repugnantes. Heinlein descreve os inimigos como alienígenas aracnídeos comunistas que não podem ser

controlados. A única forma de detê-los seria o extermínio. Deste modo, os soldados são descritos como os salvadores do mundo civilizado.

O comunismo é depreciado ao longo da narrativa de diversas maneiras. O professor Dubois, em uma de suas aulas para Rico, afirma que “a definição marxista de valor é ridícula”. E explica porque havia chegado a tal conclusão:

Todo o trabalho que alguém se importe em agregar a uma torta de lama não vai transformá-la numa torta de maçã; ela continua sendo uma torta de lama, de valor zero. Por outro lado, trabalho malfeito pode facilmente subtrair valor; um cozinheiro sem talento pode transformar massa saudável e maçãs verdes frescas, que já tem algum valor, numa mistura indigesta, de valor zero (HEINLEIN, 2015, p. 126-7).

O autor quer desqualificar a teoria do valor de Marx expressa no *O Capital*, quando o filósofo alemão conclui que o valor da mercadoria é decorrente do tempo de trabalho gasto para a produção da mesma. Quanto mais tempo é depositado em uma mercadoria, maior será o seu valor. “O que determina a grandeza do valor, portanto, é a quantidade de trabalho socialmente necessária ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor-de-uso” (MARX, 2008, p. 61).

A crítica do professor Dubois à teoria marxista está errada. Uma torta de lama ou uma mistura indigesta não são mercadorias. Ninguém consome estes objetos. Ou seja, eles podem até possuir valor-de-uso (uma torta de lama pode ser usada para uma criança brincar e uma mistura indigesta pode ser apreciada por alguém, visto que o gosto pode variar de pessoa para pessoa), mas jamais terão valor-de-troca, isto é, jamais serão mercadorias. “Quem, com seu produto, satisfaz a própria necessidade gera valor-de-uso, mas não mercadoria. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-lo para outros, dar origem a valor-de-uso social” (MARX, 2008, p. 63).

Mas Heinlein não estava interessado em analisar a teoria marxista, apenas menosprezá-la, atendendo às exigências bélicas do imaginário político que predominava durante a Guerra Fria. Sendo assim, complementa o raciocínio do professor de Rico: “Esses exemplos culinários deitam por terra a teoria marxista do valor, a falácia da qual provém toda a fraude magnífica do comunismo” (HEINLEIN, 2015, p. 127).

Tanto a teoria de Marx quanto a pessoa do filósofo alemão são descritas de forma mítica e desprezível:

Apesar disso, o velho místico desgrenhado do *Das Kapital*, inchado, atormentado, confuso e neurótico, não científico, ilógico, essa fraude pomposa chamada Karl Marx, *apesar disso* teve um lampejo de uma verdade muito importante. Se ele possuísse uma mente analítica, poderia ter formulado a primeira definição adequada de valor... e este planeta poderia ter sido poupado de um sofrimento sem fim (HEINLEIN, 2015, p. 127).

Durante a juventude de Rico, a terra vivia em relativa paz até aparecer a ameaça alienígena. Eram “aranhas gigantes e inteligentes” que tinham “a sua organização, psicológica e econômica [...] como a das formigas ou cupins; são entidades comunais, a suprema ditadura da colméia” (HEINLEIN, 2015, p. 183). Além de se referir a Platão, como vimos anteriormente, o autor também critica o modelo comunista considerado por ele (logo ele!) uma ditadura.

Heinlein descreve estes alienígenas como seres que não se importam com a vida de seus soldados, sacrificando muitos combatentes só para continuar a batalha. Afirma que isto é o comunismo de verdade: “Estávamos aprendendo”, conta Rico ao lembrar-se do combate contra estas criaturas, “a duras custas, quanto um comunismo total pode ser eficiente quando usado por uma espécie efetivamente adaptada para isso pela evolução” (HEINLEIN, 2015, p. 205).

Como na obra de Efrémov, Heinlein também trata do passado e procura demonstrar como aquele mundo surgiu. O professor Major Reid faz, então, uma nova pergunta a Solomon: “Como a atual organização política evoluiu a partir das Desordens?” Desordens é como a Guerra Fria é concebida em *Tropas Estelares*, um período marcado por guerras que assolavam a humanidade. Mas o autor mostra, por meio do narrador, que “ninguém pode dizer exatamente como a Federação surgiu; ela apenas cresceu”. Explica que, com o colapso dos Estados nacionais no século XX, algo tinha que preencher o vazio, foi quando os militares tomaram o poder: “não foi uma revolução; foi mais como o que aconteceu na Rússia em 1917” (HEINLEIN, 2015, p. 239). A intenção do autor é desmerecer a história do comunismo e a participação popular na Revolução de Outubro.

Embora a evolução tecnológica fosse indispensável para combater os inimigos que ameaçavam a civilização, os cientistas não eram vistos como cidadãos. Eles são alvos de crítica, embora a ciência fosse valorizada. O professor Major Reid diz que houve uma “Revolta dos Cientistas”, uma espécie de tentativa de golpe de estado:

deixem a elite inteligente tomar conta das coisas e vocês verão a utopia. É claro que ela quebrou a sua cara idiota. Porque trabalhar com a ciência, a despeito de seus benefícios sociais, não é em si uma virtude social; seus praticantes podem ser tão egocêntricos a ponto de ser desprovidos de responsabilidade social (HEINLEIN, 2015, p. 240).

O fato é que os cientistas por si só não seriam capazes de proteger o planeta das aranhas gigantes comunistas, poderiam apenas fornecer instrumentos para tal, mas quem se arriscaria lutando para defender os valores norte-americanos seriam os soldados.

Raymond Williams (2011) analisa um tipo de ficção utópica que, segundo ele, possui “conexões próximas e evidentes” com a FC. Trata-se da *transformação social almejada*. Ela “pode ser concebida como inspirada pelo espírito científico, seja em seus termos mais gerais, como a secularidade e a racionalidade, seja em sua combinação

com as ciências aplicadas, que torna possível e sustentada a transformação” (WILLIAMS, 2011, p. 269). Um novo tipo de vida é alcançado, tanto por um esforço humano quanto por descobertas técnicas.

O livro de Heinlein entrega o modo de vida política estadunidense nas mãos dos militares. Ou seja, houve uma *mudança na estrutura social* para a permanência da antiga sociedade. Se ela continuasse a seguir valores à esquerda, liderada por civis pacifistas, estaria condenada ao declínio. Contudo, é também um elemento tecnológico que irá salvar esse modo de vida, a armadura extremamente modernizada dos combatentes.

O pai de Rico era um empresário que rejeitava o serviço militar, mas quando viu que os aracnídeos estavam invadindo a Terra decidiu entrar para o Exército. Uma alusão ao ideal comunista de pôr em risco a propriedade privada. Para preservar a civilização ocidental era preciso lutar, pois não haveria outro jeito, já que o inimigo expansionista não entendia nenhuma forma de solução pacífica.

Williams enxerga uma aproximação entre George Wells e a burocracia stalinista, pois tanto nos textos do escritor inglês quanto no Estado soviético, planeja-se um “futuro essencialmente definido como tecnologia e produção”, mas a visão de Marx não é conivente com este posicionamento. Ele enxergava que as:

novas relações sociais e humanas que transcendem as divisões profundas da especialização industrial capitalista entre o campo e a cidade, os governantes e os governados e os administradores e os administrados são, desde o princípio, o objetivo central e prioritário (WILLIAMS, 2011, p. 281).

Na *Nebulosa de Andrômeda*, Efrémov valoriza a tecnologia, mas enaltece o desenvolvimento das relações sociais, um exemplo prático da transformação social almejada na ficção apontada por Raymond.

Conclusão

Ambos os textos lidam com um futuro que para nós, observadores do século XXI, tornou-se passado. O mundo comunista não é mais descrito nas obras de FC, muito menos a imagem de um exército altamente tecnológico que combaterá gigantes aranhas comunistas. São visões de um futuro que ficaram no passado.

Nas duas obras vemos a ojeriza aos respectivos sistemas que marcaram o mundo bipolar da Guerra Fria. Efrémov mostra o desprezo e o ódio que a sociedade comunista tem em relação ao velho capitalismo e Heinlein, por sua vez, depreca o sistema comunista através da imagem de criaturas brutas e asquerosas que querem destruir toda a civilização. Ambos representam as ideologias oficiais dos países em que viviam por meio de um imaginário que fornecia os elementos prosaicos para se pensar o futuro.

Embora ambas as obras descrevam um futuro altamente tecnológico (o que é inevitável em toda ficção-científica do período), criticam a predominância da ciência. Efremóv destaca a necessidade de se valorizar as emoções, a arte e as ciências humanas; Heinlein que a ciência não é útil para administrar a sociedade e, os cientistas, não são capazes de proteger os valores sociais com a própria vida. A tecnologia forneceria os instrumentos para a realização da sociedade comunista e para a proteção do sistema capitalista baseado na propriedade privada. Não são os valores que estão a serviço da tecnologia, mas o oposto.

As obras de FC analisadas aqui são produtos do lugar social de produção. Correspondem ao imaginário compartilhado pelas pessoas que viviam as contradições que marcaram uma época. O imaginário em relação ao futuro foi aproveitado pelas elites econômicas e políticas para submeter o presente aos projetos de poder, possibilitando assim o controle social. Como explica Jacques Le Goff (2011), o imaginário “transborda o território da representação e é levado adiante pela fantasia, no sentido forte da palavra” (LE GOFF, 2011, p. 12) A indústria cultural, portanto, apoderou-se deste imaginário por meio da produção de fantasias que se reproduziam volumosamente na cultura de massa através da ficção científica.

Se a história do imaginário, “trata-se de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam” (LE GOFF, 2011, p. 13), a ficção científica é uma fonte e tanto para se compreender os fundamentos mentais que influenciaram as visões de mundo dos atores históricos dos últimos séculos. A sociedade contemporânea procura inferiorizar as sociedades anteriores com o argumento de que elas se deixavam levar pelo maravilhoso. Considera que em seu tempo triunfa a razão, a ponto de usar a ciência como instrumento de dominação (WALLERSTEIN, 2007, p. 116). Contudo, muitos aspectos que acredita ser racional é, na verdade, imaginário, um modo de pensar não muito distante dos indivíduos de tempos antanho. O futuro tecnológico se apresenta como algo racional, mas, no fundo, é apenas imaginário, e, assim como os imaginários medievais, é usado para assegurar a permanência das relações de poder.

Referências:

- ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus, 1976.
- BARCELOS, Eduardo Dorneles. *Telegramas para Marte: a busca científica de vida e inteligência extraterrestre*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BARBROOK, Richard. *Futuros imaginados: das máquinas à aldeia global*. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. *Anthopos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.
- BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, vol 6, n. 1, p. 61-111, verão, 2001

- BLOOR, David. *Conhecimento e imaginário social*. Trad: Marcelo do Amaral Penna-Forte. São Paulo: EdUnesp, 2009.
- BRADBURY, Malcom e TEMPERLEY, Howard. Guerra e Guerra Fria. In: _____ e _____. (orgs.). *Introdução aos estudos americanos*. Trad: Elcio Cerqueira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BUCK-MORSS, Susan. *Mundo de sonho e catástrofe: o desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e nos Estados Unidos*. Trad: Ana Luiza Andrade, Rodrigo Lopes de Barros e Ana Carolina Cernicchiaro. Florianópolis: EdUfsc, 2018.
- BURLING, William J. Marxism. In: BOULD, Mark; BUTLER, Andrew; ROBERTS, Adam and VINT, Sherryl (Ed.). *The Routledge companion to science fiction*. London and New York: Taylor & Francis, 2009.
- CHOMSKY, Noam. Armas estratégicas, Guerra Fria e Terceiro Mundo. In: THOMPSON, Edward et. al. *Exterminismo e Guerra Fria*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 188-205.
- CLARKE, Arthur. *Perfil do futuro*. Trad: Álvaro Borges Vieira Pinto. Petrópolis/RJ: Vozes, 1970.
- EFRÉMOV, Iván. *A nebulosa de Andrómeda*. Trad: Franco de Sousa. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1979.
- FIKER, Raul. *Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?* Porto Alegre: L&PM, 1985.
- FILHO, Daniel Aarão Reis. O mundo socialista: expansão e apogeu. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das dúvidas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 11-33. V. 3.
- GABBIS, John Lewis. *Nueva historia de la Guerra Fría*. Trad: Juan Almela. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- HABERMAS, Jurgen. *Técnica e ciência como "ideologia"*. Trad: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1968.
- HEINLEIN, Robert A. *Tropas Estelares*. Trad: Carlos Angelo: São Paulo: Aleph, 2015.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad: Marcos Santarrita. Cia das Letras: São Paulo, 1997.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação de massa. In: LIMA, Luiz Costa. (org.). *Teoria da cultura de massa*. 6 ed. Trad: Júlia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 169-214.
- ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad: Johannes Kretschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017.
- JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the future: the desire called utopia and other science fictions*. New York: Verso, 2005.

- JAUSS, Hans. Robert. Estética da recepção: colocações gerais. In: JAUSS, Hans. Robert et. al. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1979. p. 43-62.
- LATOURET, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Trad: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- LOSURDO, Domenico. *Stalin: história crítica de uma lenda negra*. Trad: Jaime A. Clasen. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.
- MARCUSE, Herbert. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna. In: KELLNER, Douglas (Ed.). *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. Trad: Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Editora Unesp, 1999. p. 73-104.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Trad: Reginaldo Sant'Anna. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. Livro I, volume 2.
- MEDVEDEV, Roy e MEDVEDEV, Zhores. A URSS e corrida armamentista. In: THOMPSON, Edward et. al. *Exterminismo e Guerra Fria*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 160-187.
- MINOIS, Georges. *História do futuro: dos profetas à prospectiva*. Trad: Mariana Echalar. São Paulo: EdUnesp, 2016.
- MUNHOZ, Sidnei J. *Guerra Fria: história e historiografia*. Curitiba: Appris, 2020.
- PADRÓS, Enrique Serra. Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das crises*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 227-266. V. 2.
- PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 173-195.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLASCO, 2000.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica I*. Trad: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. Trad: Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.
- SIQUEIRA, Leandro. Bring Data! Corrida espacial e inteligência. *Diálogos*, Maringá, v. 22, n. 1, pp. 76-90, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/43633/751375137925>. Acesso em 31 mai. 2021.
- SODRÉ, Muniz. *A ficção do tempo: análise da narrativa de science fiction*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1973.
- THOMPSON, Edward. Notas sobre o exterminismo, o estágio final da civilização. In: THOMPSON, Edward et. al. *Exterminismo e Guerra Fria*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 160-187.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Guerra Fria. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das crises*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 11-33. V. 2.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. Trad: Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. Trad: André Glaser. São Paulo: EdUnesp, 2011.

WINTER, Othon Cabo e MELO, Cristiano Fiorilo de. O Sputnik. In: WINTER, Othon Cabo e PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida (orgs.). *A conquista do espaço: do Sputnik à missão centenário*. São Paulo: Livrari da Física, 2007. p. 11-36.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. 6 ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis. Vozes, 2009.

YASZEK, Lisa. Cultural history. In: BOULD, Mark; BUTLER, Andrew; ROBERTS, Adam and VINT, Sherryl (Ed.). *The Routledge companion to science fiction*. London and New York: Taylor & Francis, 2009. p. 194-203.